

## SIMPÓSIO AT031

### UNIVERSOS E VERSÕES DE SER MULHER: DIÁLOGOS ENTRE OBRAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS E CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

TONIN, Fabiana Bigaton  
IFSP - câmpus Capivari  
fabigaton@gmail.com

**Resumo:** Sensibilizar o aluno para que ressignifique e questione os “rótulos” que as obras literárias, por vezes, recebem é uma das bases do letramento literário. Assim, vislumbram-se renovadas possibilidades de leituras e apropriações à comunidade de leitores (COSSON, 2014), discutindo-se, por exemplo, a atualidade e a permanência (ou não) de determinados textos, bem como os diálogos que se podem estabelecer entre obras. Considerando-se que a escola deveria ser o espaço para a abertura e para a ruptura com convenções, o cânone sempre merece ser revisitado.

O objetivo deste trabalho é apresentar uma proposta de sequência didática (SD), incluindo sequências de letramento literário desenvolvidas com alunos do 2o ano do Ensino Médio Integrado (Informática). Essas atividades privilegiaram obras literárias “não canônicas”, buscando promover debates, sensibilização e análise crítica. As bases foram *Quarto de despejo – diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus e *Para educar crianças feministas* (2017), de Chimamanda Ngozi Adichie. A partir das leituras, organizaram-se rodas de conversa. Posteriormente, os alunos compuseram uma produção de texto entrelaçando a apreciação das obras a debates em que se discutiram assuntos como estereótipos e a violência contra a mulher. Desse modo, buscou-se oportunizar o enriquecimento do repertório cultural, bem como a discussão literária sobre obras “não tradicionais”. Ao final, a produção autoral reforçou o diálogo entre alunos, literatura e questões contemporâneas, como violência, papéis de gênero, construção de memórias individuais e coletivas e a importância da leitura e escrita literária como formas de resistência e construção da identidade.

**Palavras-chave:** Letramento literário; Literatura; Ensino; Leitura literária.

**Abstract:** Raising awareness of the "labels" that literary works sometimes receive is one of the foundations of literary literacy. Thus, new possibilities for readings and appropriations to the readers' community (COSSON, 2014) are envisaged, for example, discussing the actuality and permanence (or not) of certain texts, as well as the dialogues that can be established between construction. Considering that the school should be the space for opening and breaking with conventions, the canon always deserves to be revisited.

The objective of this work is to present a proposal of a didactic sequence (SD), including sequences of literary literacy developed with students of the 2nd year of High School Integrated (Informatics). These activities privileged "non-canonical" literary works, seeking to promote debates, sensitization and critical analysis. The bases were

*Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesús* (1960), by Carolina Maria de Jesus and *Dear Ijeawele, or A Feminist Manifesto in Fifteen Suggestions* (2017), by Chimamanda Ngozi Adichie. From the readings, talk wheels were organized. Subsequently, the students composed a text production interweaving the appreciation of the works to debates in which subjects such as stereotypes and violence against women were discussed. In this way, the cultural repertoire was enriched, as well as the literary discussion about "non-traditional" works. In the end, the author's production reinforced the dialogue between students, literature and contemporary issues such as violence, gender roles, the construction of individual and collective memories and the importance of literary reading and writing as forms of resistance and identity construction.

**Keywords:** Literary literacy; Literature; Teaching; Literary reading.

## Introdução

Ao tratarmos do ensino de leitura e literatura, notamos que o espaço escolar configura-se, via de regra, como aquele em se confirmam os ditames do cânone: as leituras previstas e prescritas, legitimadas, são aquelas consagradas pela história, pelos manuais, recomendadas pelo currículo e pelas provas externas – sobretudo as leituras recomendadas e cobradas no Ensino Médio regular.

Se, quando crianças, a leitura literária se apresentava como prazer e como fruição (PENNAC, 1993), à medida que crescemos e avançamos na educação formal, a literatura não só se reveste dos ares de disciplina (o que pode se traduzir em algo cada vez mais elitizado e distante da vida dos estudantes), como também se transmuta brutalmente no oposto do deleite: a cobrança. Antes, líamos para fruir, para fabular e para sonhar; adolescentes, na escola, lemos para fazer o fichamento e para enfrentar as temidas provas do vestibular. Essa mudança drástica na perspectiva da leitura é cruel e faz com que o prazer do literário se converta em ojeriza e distanciamento, por vezes.

Outrossim, não bastassem tais agruras, soma-se ao quadro da imposição escolar, a escolha de leituras que pouco ou nada dizem aos jovens, caso não haja intermediação e reflexão sobre sua pertinência ou seu possível sentido naquele contexto e naquele momento histórico em que se realizam as atividades. Mais que cumprir um protocolo ou um planejamento frio, faz-se essencial a premissa de que as leituras sejam significativas, que possam, de

fato, integrar a formação acadêmica e pessoal dos alunos, sendo, mais que contemporâneas, atuais aos jovens (COSSON, 2009).

Considerando estes aspectos, o trabalho objeto deste texto pretende mostrar uma alternativa tanto para despertar o gosto, quanto para repensar os limites do cânone e a necessidade de constante revisão e reelaboração deste. Outro ponto a ser destacado é a busca do protagonismo dos alunos, não só como leitores, mas como autores de seus textos, sujeitos atuantes e conscientes de sua perspectiva criadora e de seu alcance como leitores.

### **1. Escolhendo leituras, revendo e revisitando o cânone**

A história do ensino de literatura no Brasil pode ser considerada como uma história de imposições e de censura (LAJOLO, 2005). Marcada por um descompasso entre expectativas dos leitores (que sequer eram consultados) e interesses de intelectuais e professores, a literatura que se costumou levar aos bancos e cadeiras escolares se materializou em obras de caráter “elevado”, celebradas por sua qualidade estética (relativa ao uso do idioma ou ao tratamento dado a determinados temas) e por sua importância histórica e cultural. Não se trata, aqui, de discutirmos a validade de obras e autores, muitos dos quais, reconhecidos como representantes importantíssimos da literatura brasileira e portuguesa. Interessa-nos, de fato, questionar esse cânone e pensar que é sempre preciso revisitá-lo e também propor outras obras, outras leituras, sem, no entanto, desprezar indicações curriculares ou leituras que mostram profícuas.

Tendo em vista tais ideias e objetivando sempre um diálogo entre o novo e o antigo, para que este possa ser ressignificado e “arejado”, proponho, ao longo do curso de Língua Portuguesa e Literatura, que obras canônicas indicadas por manuais de literatura e também por exames vestibulares (uma demanda comum dos alunos) convivam com obras “novas”, ou ainda, aquelas pouco conhecidas no âmbito da escola e/ou requisitadas e apreciadas pelos alunos.

A escola pode sim, como já nos ensinou Snyders, ser o espaço da “alegria cultural” (SNYDERS,1993), seja porque o obrigatório pode se configurar como algo prazeroso, ou porque outras e novos conteúdos podem ser abraçados e incorporados de modo bem sucedido às rotinas de ensino e aprendizagem. Então, por que não convidar sim a leituras canônicas, numa outra roupagem – a da aproximação, do contato íntimo e possível, incentivando a apropriação dessas leituras, em consonância e diálogo com outras obras, atuais e contemporâneas aos alunos, de modo que leitor e obra interajam e possam, de fato, estabelecer diálogo vivo?

Pensando nesse sentido, proponho-me sempre a entrelaçar leituras canônicas a outras, menos óbvias, talvez, um quê mais convidativas – que estão, em geral, fora da esfera escolar, e talvez por isso possam se configurar mais atraentes.

Foi dessa maneira, buscando obras que se mostrassem e se fizessem, realmente, significativas para o percurso de formação dos leitores e da comunidade de leitores do IFSP – Capivari, escola em que trabalho – que propus, no primeiro bimestre de 2018, que o 2º ano do Ensino Médio – Integrado em Informática, lesse e discutisse dois livros bastante distintos e distantes (num primeiro momento). As leituras propostas foram *Quarto de despejo – diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, obra que integra a lista de leituras obrigatórias do vestibular da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) e o breve *Para educar crianças feministas*, de Chimamanda Ngozi Adichie. Inicialmente, tal proposta nasceu de uma ideia dos professores da área de Linguagens do câmpus Capivari, ao pensarmos conjuntamente em atividades para integrar a semana do Dia Internacional da Mulher (08 de março). Tendo em vista a demanda do vestibular, bem como a pertinência do tema e da discussão de obras de mulheres – algo ainda recente e pouco presente na escola -, propus a leitura dos dois livros e a construção de uma sequência didática, de modo a não só discutir as duas obras, mas proporcionando aos alunos imersão no universo do feminino, suas condições e olhares peculiares, além da problematização de questões como pobreza,

discriminação (de gênero e étnica), política, feminismo e reflexões acerca do próprio exercício da escrita.

Desse modo, pude contemplar o cânone, incluindo uma leitura exigida em prova nacional (e, como sabemos, há um efeito amplamente retroativo das listas de vestibulares, à medida que estas reconfiguram os planos de ensino e redesenham, a cada edição, a ênfase de períodos e autores, ditando rumos das aulas de literatura), mas também trazendo para a sala de aula uma autora contemporânea, reconhecida por sua luta como mulher africana e feminista, bastante reconhecida por seus discursos e sua militância. Estabeleceu-se, então, o diálogo entre o esperado, o cânone da “leitura obrigatória” do vestibular e a leitura “de fora”, do livro que não era previsto como obra a ser lida e discutida na escola.

Como pretendo mostrar a seguir, o encontro entre alunos e autoras e obras foi não só profícuo, mas também profundo e frutífero, pois trouxe a relação entre obras, temas e a possibilidade de reconhecimento, empatia e aprofundamento de questões urgentes de nosso tempo e, sobretudo, da realidade dos alunos e suas relações (familiares, pessoais e afetivas).

## **2. Lendo, discutindo e produzindo: a sequência didática pulsando**

Inicialmente, foi acordado com a turma a leitura da obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Como se trata de livro de leitura obrigatória do vestibular da UNICAMP, a princípio, a ideia foi bem recebida. Houve uma aula introdutória, em que apresentei os dois primeiros registros do livro. Nesse momento, conversamos sobre quem era a autora, qual era a sua realidade no momento em que o diário foi confeccionado e quais eram as expectativas dos alunos para aquela leitura. Combinamos as datas para que a leitura fosse feita.

No dia marcado, propus a seguinte dinâmica de discussão: dividi a turma em grupos e cada um ficou responsável por expor sua leitura a partir de um aspecto da obra. Os prismas de análise eram, então: a vida na favela;

pobreza/miséria; família e filhos; violência e discriminação; fome; a importância da leitura e escrita; linguagem; ser mulher. Obviamente, os temas listados anteriormente se cruzam e se imiscuem em vários momentos e de formas diversas. Contudo, o objetivo, nesse primeiro momento de discussão, era que os alunos traçassem não só suas impressões, mas pensassem mais criticamente sobre como Carolina apresenta tais questões, que reflexões traz, que críticas propõe, de modo a perceber a pertinência e a atualidade da obra.

Houve muito envolvimento da turma, a discussão se mostrou bastante produtiva e os alunos mostraram interesse e envolvimento com a obra. Alunos que confessaram não ter terminado a leitura, manifestaram interesse por concluí-la, ao ouvir relatos de outros colegas. Tal expressão (ainda que não tenha se materializado) já me parece bastante promissora, uma vez que se observa a vontade de não só pertencer à comunidade de leitores com propriedade, mas também o desejo de integrá-la de modo ativo e consciente (COSSON, 2014).

A seguir, após essa atividade, convidei os alunos para lerem a obra *Para educar crianças feministas*, de Chimamanda Ngozi Adichie. Inicialmente, houve resistência de alguns alunos (a turma, majoritariamente formada por meninos), questionou a questão do feminismo, expressando o que talvez se pudesse chamar de “senso comum”, ou seja, um conhecimento um pouco estereotipado (e um quê negativo) acerca das ideias do feminismo. Insisti para que eles “dessem uma chance” e arriscassem ler. Para minha surpresa, dias depois, alguns dos mesmos alunos que tinham manifestado resistência, comentaram que estava gostando muito do livro e que o estavam indicando para outros amigos e mesmo para familiares. Assim, ousou dizer que a leitura foi concluída não só com gosto, como também trazendo outras novas perspectivas acerca do que os alunos comumente entendiam por feminismo. A carta enviada por Chimamanda a sua amiga, a fim de dar “conselhos” para que esta eduque sua filha, mostra-se um rico painel de valores e ideias “tradicionais” e um convite para uma revisão crítica de algumas percepções bastante cristalizadas em nosso contexto social e cultural.



Após essas duas leituras, como atividade da semana do Dia da Mulher, foi proposto um debate no câmpus, a fim de englobar as discussões em sala e ampliar seu alcance e aprofundar algumas temáticas. Convidamos duas pesquisadoras – uma da área de Literatura, especializada na obra de Chimamanda; outra, da área de Sociologia – para conversar com os alunos, dialogando sobre as obras lidas e sobre as questões suscitadas. Foram priorizadas nesse debate questões como violência contra a mulher, feminismo, protagonismo feminino e a importância de fazer da escola lugar de diálogo para tais assuntos.

Assim, a proposta de leitura de obras literárias ampliou-se e transbordou e abraçou a vida “ela mesma”. Busquei, junto a meus colegas da área de Linguagens, o diálogo entre literatura e vida – apesar de óbvio para alguns, era premente mostrar a atualidade de Carolina, e também a pertinência de Chimamanda, uma autora africana que nos diz respeito de tantas formas. Após esse primeiro fechamento, partimos para a conclusão das atividades da sequência didática, o que aconteceu por meio da produção de um texto autoral, como explicarei a seguir.

### 3. Esses autores imensos: os alunos

Após lerem integralmente as obras e participarem de discussões em sala e do debate com outras especialistas, propus aos alunos a produção de uma carta. Entretanto, fugindo dos moldes habituais, teci, juntamente a outra colega professora de Língua Portuguesa, a elaboração da seguinte proposta:

Imagine que, após ler o livro *Quarto de Despejo*, Chimamanda resolva escrever uma carta para Carolina Maria de Jesus desenvolvendo uma de suas sugestões dadas no livro *Para educar crianças feministas*. Nesta carta, Chimamanda pretende focar situações vividas por Carolina e aconselhá-la a enfrentar seus problemas sob a ótica do feminismo defendido pela autora africana.

A proposta baseou-se num encontro imaginário entre Carolina e Chimamanda, como se fossem contemporâneas. Embora, do ponto de vista “real”, tal encontro fosse impossível, o universo da literatura nos possibilita esse diálogo incrível. Assim, os alunos foram orientados a tentar seguir não só

a linguagem, mas a abordagem proposta por Chimamanda, imaginando que leitura a africana teria feito de Carolina, e que “sugestões” ela poderia dar à autora brasileira.

O resultado mostrou-se emocionante e muito rico. Apropriando-se não só do estilo, mas, sobretudo, do viés crítico das autoras, os alunos trouxeram o olhar sensível e arguto para questões da realidade de Carolina – que são atuais e ainda urgente no mundo em que vivem. Houve elogios à postura “feminista” de Carolina, à sua coragem em questionar padrões de comportamento feminino; houve também quem traçasse entre as formas de violência mais explícitas trazidas por Carolina e as agressões mais veladas e naturalizadas denunciadas por Chimamanda. Enfim, embora não tenhamos espaço aqui para expor os resultados mais detalhadamente, o que posso afirmar é que os alunos teceram belas cartas, posicionando-se e fazendo da escrita literária um canal de voz vivo e repleto de crítica e significado. Cãnone e um best-seller conversaram entre si e, mais importante, fizeram sentido para os jovens, que se apropriaram deles para falar de suas angústias, desejos e impressões sobre questões fundamentais como a voz dada às mulheres, violência, preconceito e expressão.

### Referências

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo; Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

LAJOLO, **Meus alunos não gostam de ler... O que eu faço?** Campinas: Cefiel/IEL/ UNICAMP, 2005.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3a ed. São Paulo: Ática, 2003.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SNYDERS, Georges. **Alunos felizes**: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.